

As propostas dos bancos ao Brasil

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

O comitê assessor de bancos para o Brasil reuniu-se na quarta e na quinta-feira passadas em Nova York para definir sua estratégia na retomada dos contatos com o renegociador brasileiro, embaixador Jório Dauster, no início desta semana.

A pauta dos banqueiros incluiu dois temas: se deveriam fazer uma proposta específica para o Brasil e, em caso positivo, qual deve ser a proposta. Um vice-presidente de um grande banco credor do País, com acesso ao comitê, disse a este jornal que provavelmente não haverá uma proposta, mas duas:

"A tendência é propor duas negociações separadas para o Brasil", explicou. "A primeira será de curto prazo e concentrada apenas sobre os atrasos de pagamentos do País. Então, a segunda negociação vai tratar de uma renegociação da dívida brasileira a médio prazo."

A separação das negociações vem sendo imposta por um grupo de bancos que não se conforma com o fato de o Brasil não pagar juros atrasados há dezoito meses, que já somam cer-

ca de US\$ 7 bilhões, enquanto acumula reservas cambiais estimadas em US\$ 8 bilhões. O principal porta-voz desses banqueiros tem sido o executivo sênior internacional do Citicorp, William Rhodes, que supervisiona a equipe do banco no comitê.

Rhodes tem dito insistentemente que a acumulação de atrasos não será tolerada como estratégia de renegociação da dívida. Em maio deste ano, o Instituto de Finanças Internacionais, o "think tank" dos bancos em Washington, publicou um folheto específico sobre o tema, intitulado significativamente "Melhorando a estratégia oficial da dívida: atrasos não são o caminho".

(Continua na página 17)

O embaixador extraordinário para renegociação da dívida externa, Jório Dauster, reiniciará no começo desta semana a segunda rodada de reuniões com o comitê assessor dos bancos credores, em Nova York. O encontro é mais uma tentativa de explicar a proposta brasileira, cujo argumento principal é a capacidade de pagamentos do País.

(Ver página 17)

As propostas dos bancos ao Brasil

por Getúlio Bittencourt
de Nova York
(Continuação da 1ª página)

Banqueiros ouvidos por este jornal não esperam que o Brasil assine em breve um acordo stand-by com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Mas uma fonte financeira de Washington, com acesso aos técnicos do Fundo, afirmou na quinta-feira a este jornal que a instituição de Bretton Woods não adiou a apresentação da carta de intenções do País:

"O que o diretor-gerente do Fundo, Michel Camdessus, afirmou em setembro foi que a carta poderia ser submetida à diretoria entre o final de outubro e o início de novembro, caso os entendimentos do Brasil com os bancos credores estivessem avançados e um acordo pudesse ser entrevistado num prazo razoável", lembrou. "Mas Camdessus não fixou uma data, portanto não pode ter adiado. E a premissa que ele colocou ainda não se cumpriu."

A mesma fonte assinala que, do ponto de vista técnico, "não só Thomas Reichmann apóia a carta de in-

tenções proposta pelo governo brasileiro; Michel Camdessus disse que ele apóia integralmente esse programa. Mesmo que os números propostos na carta para a inflação ainda não tenham sido cumpridos, isso não significa que não serão. Em tese a inflação ainda pode cair no Brasil até o final do ano", acrescentou.